



EDITORIAL

O número 3 de "Ser Lamosa" tem como figura de destaque o Sr. Oliveira (Aníbal Dias de Oliveira).

Nos anais de Lamosa não encontramos outra figura com o dinamismo e que esteja positivamente comprometida com tantas iniciativas de benefício público para a povoação. Em muitos projetos, foi ele que os idealizou, dinamizou e liderou a sua execução.

Investiu aqui muito do seu tempo e dinheiro. Bateu à porta de muita gente (de Lisboa, do Brasil e tanta outra diáspora, mas igualmente dos residentes na aldeia) para financiar esses projetos. Dinheiro privado para promover o interesse público. (Como destoa dos tempos presentes em que tantas vezes vemos o dinheiro público a servir interesses privados.)

Não caberia nestas linhas a simples enumeração de todas essas iniciativas. Acrescento, tão só, nota pessoal ilustrativa da dimensão humana do Sr. Oliveira. Em princípios da década de 70 do século passado encontrava-me em Lisboa a iniciar os meus estudos superiores. Não tinha por lá nem família nem grandes conhecimentos. Onde encontrava um ambiente amigo, quase familiar era em casa do Sr. Oliveira, em Monte Abraão. Recorrentemente, me convidavam para almoços de domingo. Não fingia grandes recusas. E não era pela comida (apesar das artes culinárias da Sr^a Arminda serem uma tentação). A razão é que me faziam sentir bem, e tinha com os filhos uma confiança e amizade como se crescêssemos juntos na grande família de Lamosa (sim, na altura, pese embora as habituais desavenças que acontecem nas famílias extensas, a aldeia ainda era uma grande família coesa na sua solidariedade comunitária).

Dirão: um exemplo insignificante..., sim, mas simbólico. Porque ele era assim. Quantas pessoas de Lamosa foram encaminhadas da aldeia para a cidade pelo Sr. Oliveira, muitas vezes concedendo os apoios básicos, quando não o primeiro emprego?

Um homem perfeito? Pessoalmente, desconfio de pessoas perfeitas. Quem nada faz nada erra. Cristiano Ronaldo cometeu incomparavelmente mais erros no futebol que o autor destas linhas, pela simples razão que o signatário deste editorial tinha os dois pés esquerdos para tal ofício e teve o bom senso de não se meter nas lides do futebol. Nunca jogou, nunca cometeu erros...

Certo é que o Sr. Oliveira procurou ser de utilidade maior para a aldeia. Ele gostava de Lamosa e queria o melhor para Lamosa. Era um lamosense de alma grande. E isso posso-o testemunhar pessoalmente pois que com ele privei.

Pina da Costa

NESTE NÚMERO

- **Líricas (1):** Homenagem a um grande homem
- **Petiscos d'Avó:** Fritas à moda de Lamosa
- **Saúde e Bem-Estar:** Desequilíbrio
- **Vidas:** Um percurso de vida
- **Narrativas:** O audaz gineto
- **Líricas (2):** A segada
- **História e histórias:** Lamosa e Caria
- **BUPI**
- **Vivências:** Caminhos de Santiago

NOTA: Os artigos assinados
são da responsabilidade
dos autores.

LÍRICAS (1)

Homenagem a um grande homem

I

Quero aqui homenagear
E muito bem lembrar
Este Homem de valor
Abençoado por Deus Nosso Senhor

II

Graças a este Senhor
Sempre a lutar e a trabalhar
Para esta aldeia mudar
E muitos a atrapalhar

III

Para Lisboa partia
Sempre com Lamosa no coração
Com novos projetos vinha
Para que alguém desse a mão

IV

Estas terras do demo
Já dizia o escritor
A geada e a passarada
Não deixam nada

V

A primeira coisa que fez
Foi trazer a televisão
Um programa sem igual
O nosso TV Rural

VI

Cá estive o Sr. Engenheiro
E a sua comitiva
Para ver a região
E tudo o que nela havia

VII

Visto a terra ser fria
Mas com gente muito forte
Queria fazer da aldeia
A capital do Norte

VIII

Criou então a vacaria
Uma grande evolução
Os animais é que dão
Uma grande inovação

IX

Levantou a casa do povo
Onde há muita animação
Em nenhuma aldeia havia
Foi uma admiração

X

Sempre pioneiro da liderança
Sempre com muita pujança
Abriu o Lar de idosos
Não havia nada ali

XI

Aqui agradecemos muito
Estas ideias tao nobres
Pois um povo sem ideias
É um povo muito pobre

XII

É um povo muito nobre
Onde há duas igrejas
Uma paisagem sem igual
Ninguém pode levar a mal

XIII

A todos fazia bem
E a todos convidava
Para irem a capital
Conhecerem terra sem igual

XIV

Para o Algarve convidava
Todos os que iam de férias
Umas férias sem igual
Para poderem conhecer Portugal

XV

Animava o pessoal
Aqui na terra natal
Para ver outras paragens
Que não lhe fazia mal

XVI

Sr. Oliveira Obrigado
Vizinho do pé da porta
Com uns vizinhos assim
Que a todos conforta

Dulce Amaral (Dulce Santos)

PETISCOS D'AVÓ

Fritas à Moda de Lamosa

Ingredientes:

- Trigo da Lapa
- 1 copo de leite
- 4 ovos
- 1 copo de vinho fino (Porto)
- Açúcar q.b.
- Canela q.b.
- 1 casca de limão.

Preparação:

- 1- Cortar o trigo em fatias e colocar num prato com o leite.
- 2- Bater os ovos.
- 3- Passar as fatias de pão de trigo pelo ovo e fritar em azeite.
- 4- Num tacho colocar água, o açúcar, a canela, a casca de limão e o vinho fino. Deixar ferver bastante (redução). Quando a calda estiver pronta mergulhar as fritas dentro da calda.
- 5- Retirar e colocar num prato fundo. No final deitar a calda por cima das fritas.

Lucinda Ramos

NOTA: Nas casas mais abastadas, as fritas faziam quase sempre parte do almoço quando eram contratados ranchos de trabalhadores para os campos, especialmente no verão!

SAÚDE e BEM-ESTAR

O desequilíbrio e o papel do exercício físico na sua prevenção

O desequilíbrio e as quedas constituem um dos principais problemas da nossa população, com elevada prevalência entre a população mais idosa. Estão associados a um aumento da morbilidade, perda de autonomia e aumento do risco de institucionalização. Em Portugal, onde a estrutura demográfica é marcadamente envelhecida, estas questões assumem particular relevância.

Com o avançar da idade ocorrem alterações fisiológicas que comprometem os nossos sistemas responsáveis pelo controlo postural: redução da massa e força muscular, deterioração da propriocepção e alterações na visão e no sistema vestibular (ouvido interno). Estes fatores, aliados à presença de múltiplas comorbilidades e ao uso concomitante de diversos medicamentos, contribuem para a instabilidade postural e o desequilíbrio, com impacto direto na qualidade de vida e no desempenho das atividades de vida diária. A vertigem, o desequilíbrio e o consequente receio de queda conduzem frequentemente a uma redução da mobilidade e a uma menor participação em atividades sociais. O estilo de vida tem um papel determinante no equilíbrio. A ausência ou níveis reduzidos de atividade física, intelectual e social aumentam o risco de depressão e, associados à fraqueza muscular, à menor mobilidade articular e a estratégias posturais desadequadas, resultam numa maior incidência de quedas entre aqueles com menor nível de atividade. A evidência científica é clara ao demonstrar que a prática regular de exercício físico constitui a intervenção não farmacológica mais eficaz na prevenção do desequilíbrio e das quedas. Programas de treino que integrem exercícios de força, equilíbrio e marcha são particularmente benéficos, devendo ser adaptados à capacidade funcional de cada pessoa. Caminhadas diárias, sessões de ginástica adaptada ou exercícios supervisionados por profissionais de saúde especializados podem melhorar substancialmente o desempenho funcional e reduzir o risco de quedas. Outras medidas são igualmente essenciais para tornar o domicílio mais seguro e diminuir o número de quedas: remoção de obstáculos e tapetes soltos, instalação de corrimãos em escadas, iluminação adequada de todas as divisões e colocação de apoios sempre que necessário. O uso de calçado apropriado, antiderrapante e que favoreça uma boa aderência e o correto posicionamento do pé, é também indispensável.



Inês Pinto Silva - médica otorrinolaringologista

VIDAS: UM PERCURSO DE VIDA (Aníbal Dias de Oliveira)



Nascido numa família de poucos recursos, numa casa com cinco irmãos, cedo soube que para singrar na vida teria de sair de Lamosa, tal como via fazer a outros que, principalmente para o Brasil, procuravam uma maneira de melhorar a vida.

Com vinte anos parte numa viagem de 24 horas e 5 meios de transporte diferentes até Lisboa, com um saco de mantimentos. Começa por trabalhar nas obras como servente, mas rapidamente começa a compreender que teria de procurar outros meios. Tinha deixado a namorada Arminda em Lamosa, e teria de continuar a procurar forma de se casarem e poderem subsistir em Lisboa. A outra alternativa era seguir as pisadas de seus irmãos e amigos e seguir viagem para o Brasil, para o qual chegou a ter carta de chamada.

Através de um amigo arranjou trabalho num armazém de víveres no centro de Lisboa. Já casado e com carta de condução tirada, nesse armazém aprendeu as artes do comércio, a relação com fornecedores e com clientes. Também aí o seu trabalho esforçado, a sua honestidade e a forma de tratar toda a gente depressa o fizeram braço direito do patrão.

Este resolve, de um momento para o outro, emigrar para os Estados Unidos, quer trespassar a loja, e diz ao meu pai para ficar com ela, mas a falta de dinheiro para a compra inviabilizava essa opção. Mesmo assim o próprio patrão o apresenta a um amigo, a quem explicou como era o meu pai como pessoa e como trabalhador, e é assim que sem dinheiro, mas baseado no trabalho que iria desenvolver e na confiança que nele depositaram, foi pagando, ao longo de algum tempo o valor da quota ao seu agora sócio.

O armazém tinha porta aberta para o retalho e foi a minha mãe que assegurou durante muitos anos o atendimento ao balcão. Do mesmo modo garantia as refeições a todos os empregados, bem como a lavagem de roupa, conciliando tudo isto com muito trabalho e grande organização. Para facilitar, os meus pais alugaram para habitação o andar por cima da loja.

Durante anos o trabalho árduo de meus pais foi dando frutos e o seu desenvolvimento permitiu que houvesse dezenas de clientes espalhados por toda a cidade de Lisboa, e na Margem Sul. Para isso compraram-se carrinhas de distribuição que, semanalmente, faziam as voltas programadas na distribuição da mercadoria, e cresceu o número de empregados, vários de Lamosa e de outras terras vizinhas, que permitiam esses trabalhos.

As idas a Lamosa tornaram-se mais frequentes e meu pai apercebeu-se que em Lamosa havia muita dificuldade em vender as boas batatas lá produzidas, assim resolveu comprar um camião que assegurasse o transporte das batatas compradas em Lamosa e arredores para vender aos seus clientes, agradados com a qualidade das batatas que compravam, e que o meu pai orgulhosamente dizia serem da sua aldeia.

A dificuldade de ligação entre Lamosa e Lisboa, e a quantidade de lamosenses já nessa altura a viver em Lisboa, levou a que o camião das batatas, fosse não só a melhor escolha para mandar encomendas aos familiares, como para transportar as pessoas que necessitavam de se deslocar, dando boleias nos dois sentidos.



Surge então o negócio da compra e venda de terrenos, ao qual o meu pai começou a dedicar-se. Através de clientes e amigos que o apresentavam como pessoa séria e de total confiança, foi fazendo compras e vendas de terrenos e que o levaram à construção civil.

A pouco e pouco foi começando a construir prédios que vendia a investidores para alugarem, depois, com as mudanças na procura, construiu prédios em propriedade horizontal para habitação dos compradores.

Paralelamente cumpria a promessa que fizera quando se tornou sócio do armazém, “AJUDAR TODA A GENTE NA MEDIDA DAS MINHAS POSSIBILIDADES TAL COMO FUI AGORA AJUDADO”.

É assim que ao longo dos anos 50 e 60, a nossa pequena casa serviu de ponto de passagem para todos os lamosenses. Os que partiam ou chegavam do Brasil, dos que vinham a uma consulta no hospital, ou em peregrinação com N^a S^a da Lapa e que não tinham familiares em Lisboa.

Ficou na minha memória a primeira viagem dos meus pais a S. Paulo (Brasil), em 1970, na qual levaram mensagens de áudio, de lamosenses com familiares no Brasil e

regressaram com mensagens dos residentes no Brasil para os familiares em Lamosa. Para alguns, foi a primeira vez que ouviram a voz de seus filhos ou de seus pais desde que haviam emigrado, pois, na altura, as comunicações para além de dispendiosas eram muito difíceis. Estas mensagens fizeram com que muitos emigrantes do Brasil viessem a Lamosa, depois de longas ausências, em visita e até definitivamente.

Por outro lado, foram muitos que vieram para Lisboa na esperança de poder singrar na vida e a quem o meu pai encontrava trabalho, ou ajudava e aconselhava na montagem do seu próprio negócio.

De salientar a minha mãe, ajudando em casa, recebendo todos com uma mesa posta, era célebre o cozido à portuguesa com ingredientes de Lamosa, e na organização do dia a dia, que permitia ao meu pai acompanhar sempre quem necessitasse.

Finalmente a escrita de dois livros, sendo que “LAMOSA E O SEC XX”, creio que foi o primeiro livro sobre Lamosa, apresenta a vida em Lamosa e a sua evolução tal qual o meu pai a conheceu com muitas estórias por si vividas, e “NASCIDO NAS TERRAS DO DEMO” apresenta os pormenores da sua história e evolução em Lisboa.

Diria eu que serão para mais tarde recordar.

Fernando Oliveira



NARRATIVAS: O AUDAZ GINETO (conto)

A mãe gineta, diligente e precavida, programara a parição de suas crias para o despertar da primavera.

Assim foi; mal os primeiros calores de abril começaram a aquecer os montes, nascem três minúsculos e pelados gatinhos. Indefesos, são resguardados e aconchegados no recanto mais esconso do covil onde caldo ninho de pelos e fenos macios os mantêm quentes e protegidos. E quando os calores de maio tornam fartos os campos, já eles correm e cabriolam pelas cercanias do tugúrio.

Prudente, a mãe gineta elegera lugar recôndito da serra como lar e abrigo dos filhotes para precaver ou retardar confronto com bicho homem e seus temíveis ladrantes.

O filhote varão logo se destaca desinquieto e aventurei-

ro. Tudo farisca e esgrelha; perscruta os sons mais subtis e distantes; audaz, não hesita em escalar agigantada árvore ou proeminente rochedo para explorar horizontes e vistas mais vastas. Atraía-o, em particular, aquele montículo de construções, lá em baixo, no valejo, de onde, ao anoitecer, sobem volúveis colunas de fumo e pela madrugada lhe chegam regularmente cocoroares intrigantes.

“Que é aquilo? Que cantares são aqueles?” Questiona com insistência o onzeneiro gineto.

“São os antros do bicho homem, o local mais perigoso da montanha. E aquele som mais não é que engodo para nos atrair às suas temíveis armadilhas”. Responde a mãe, inquieta com a curiosidade do pequeno gineto.



“Mas a bicharada diz por aí que junto dos humanos há fartança inesgotável ...”

“E perigos de monta... A única coisa que devemos desejar do bicho homem é distância.”

O pequeno toirão foi crescendo ágil e arnáz. No princípio do inverno, era já gato pujante, transpirando confiança.

Com frios, geadas e nevadas, a escassez e a penúria abatem-se sobre a serra.

“Junto dos humanos há fartança...”; “gordas e tenras galinhas...” Eram dizeres que batucavam na cabeça do jovem gineto. Porém, as cautelas e as interdições da mãe, que não se cansava de hiperbolizar os perigos representados pela proximidade do bicho homem, faziam-no

hesitar.

Mas sempre que a fome apertava, ele subia a árvore de boas vistas e espreitava, lá mais abaixo no fundo da encosta, aquele conjunto de estranhas construções. Parecia-lhe tudo tão pacífico, tão calmo, onde colunas de fumo subiam e voluteavam no ar até se espriarem formando diáfano manto sobre o vale. O silêncio e o sossego apenas pareciam interrompidos por ecos longínquos, quase inaudíveis, de ladrares a despique. Eram esses os grandes perigos de que falava a mãe: “gineto onde cão fila os dentes jamais sai ileso”. Mas ele sabia que aqueles bichos ferozes que acolitam os humanos são incapazes de trepar a muros e árvores, e era aí que estava a sua agilidade e vantagem. Imaginava, então, pracetas e eidos povoados por indefesas e incautas gomarras a esgravatar no terreiro à cata de minhoca ou grão esquecido. Bastava chegar sorrateiro, pegar pelo gasganete a ave mais gorda, saltar uns muros e estava a salvo trazendo na boca um festim para vários dias.

Incapaz de resistir ao pungir da fome ali na serra e ao apelo da abastança lá no vale, pelo sigilo de certa fria noite, sem nada revelar à mãe, lança-se a caminho do povoado.

Que regalo! Logo à entrada do casario descobre, fareja e vê um varal abonado com meia dúzia de galinhas ao abrigo de cabanal.

A rede? Os humanos são uns ingênuos! Uma brincadeira para transpô-la.

Silencioso, patas de veludo, eficaz na arte de matar,

célere, arrasta galinha anafada, filada pelo pescoço, que nem ela nem companheiras deram pelo ataque.

No primeiro pincho para transpor a vedação, a presa interpõe-se entre a rede e as garras; cai juntamente com a gomarra num restolhar de causar sobressalto. E logo um alão, vindo do nada e maticando belicosamente, se aproxima veloz. Já sem preia, quase a transpor o aramado, o mastim salta e abocanha-lhe uma perna atirando-o ao chão. Ligeiro, em desespero, ainda consegue fugir e enfiar-se em buraco do celeiro.

Espavorido, ferido e encurralado em apertada abertura, olha as ferozes mandíbulas prontas a abocanhá-lo e sente-se atordoado com aquele raivoso latir.

Pensa na mãe, nos seus afagos e prudentes conselhos. Agora sabe que eram prudentes e sábias exortações e não meros caprichos de uma mãe ciosa da sua prole. Pensa nas suas irmãs com quem brincava em alegres correrias pelos montes, e que sempre o advertiam para os perigos do seu imponderado arrojo.

Agora sabe quanto era insensato caçar dos conselhos da mãe e das advertências das irmãs. Sim, agora sabe quanto foi precipitada e gananciosa a sua decisão de pilhar nutrida presa.

É, porém, um reconhecer que chega tarde e sem proveito. Um humano aproxima-se em passos ligeiros. Traz nas mãos objeto estranho, mas que ele não tarda em identificar como uma arma de trovão. Sente-se perdido. O caminho da fuga está barrado por uma besta feroz que em segundos o despedaçará, se ele ousar sair.

O humano chega, projeta um foco de luz para o esconderijo, aponta a arma e, indulgente e misericordioso, dá decisivo término aos medos e sofrimentos do intrépido ginet.

Pina da Costa

LÍRICAS (2): A SEGADA

Quando a seara ondulava
Logo a “soitoira” gemia
Na mão que a segurava
E o centeio derrubava
Começando a cantoria

Louvor e mágoa deixadas
Nessas vozes pelo chão
Que à noite de tão cansadas
Ajoelhavam sobre fragas
Para agradecer o pão

Rostos nobres enrijecidos
E pobres que ainda o são
Seus suores são regozijo
Nos gestos repetitivos
Que colhem palha e grão

Barriga longe de perigo
Uma sesta de lambão
E o descanso merecido –
E o que faz mais sentido
Na tarde quente de Verão.

Um pobre dorme assim
Sobre pedra faz colchão
E ao acordar por fim
Regressa de novo ao ruim
E cospe na palma da mão

Um gesto intuitivo
Sempre tem sua razão
Qual pôr de sol colorido
De muitas cores vestido
Merece dar opinião.

Sobre enxerga descosida
Ou numa laje de chão
Os sonhos de uma vida,
Deixados na despedida
Não sejam apenas em vão.

Afonso Dias



HISTÓRIA e HISTÓRIAS

Produção agrícola no concelho de Sernancelhe há cerca de 100 anos (destaque para Lamosa)

Freguesias	Centeio	Trigo	Milho	Feijão	Grão Bico	Batata
	Litros					Kgs
Arnas	50 000	5 500	50 000	5 200	400	122 000
Carregal	70 000	10 000	120 000	7 000	200	60 000
Chozendo	20 000	4 000	12 000	1 600	260	45 000
Cunha	50 000	3 000	30 000	3 000	600	125 000
Escurquela	35 000	4 000	18 000	2 000	400	45 000
Faia	20 000	4 000	50 000	4 500	400	180 000
Ferreirim	40 000	6 500	40 000	8 000	1 000	200 000
Fonte Arcada	45 000	13 000	32 000	16 000	2 500	150 000
Freixinho	30 000	6 000	40 000	13 000	800	250 000
Granjal	50 000	5 100	16 000	8 000	200	250 000
Lamosa	75 000	8 000	6 000	400	200	2 000
Macieira	75 000	8 000	30 000	3 000	300	110 000
Penso	40 000	8 000	48 000	5 000	320	120 000
Quintela da Lapa	45 000	4 000	5 000	1 200	160	40 000
Sarzedá	40 000	5 000	50 000	5 200	300	250 000
Sernancelhe	60 000	12 000	30 600	11 000	500	231 000
Vila da Ponte	25 000	4 500	20 000	8 000	500	230 000
TOTAL	770 000	110 600	597 600	102 100	9 040	2 410 000

A tabela acima espelha as principais produções agrícolas, há cerca de 100 anos, de Lamosa e restantes freguesias do concelho. Os números não serão muito exatos, podendo contemplar erros grosseiros, como o caso da produção da batata em Lamosa, onde é pouco crível que apenas se registasse a produção de 2 toneladas em toda a aldeia, uma terra particularmente produtiva neste tipo de cultura. Com efeito, cerca de trinta anos depois (1957) o presidente da junta de freguesia queixa-se da dificuldade em escoar a produção da batata, havendo ainda mais de 60 toneladas por escoar. A fonte destes valores é o Abade Vasco MOREIRA na sua obra “ Terras da Beira – Cernancelhe e seu Alfoz” (1929), citado em “Lamosa – História de uma aldeia serrana”, p. 122.

Os Nossos Vizinhos – Caria



Caria é uma palavra de origem árabe que significa aldeia ou arruamento (rua).

Era uma vila medieval cujo castelo terá sido destruído pelos exércitos de Almançor, provavelmente no ano de 997, dando origem a duas novas povoações mais afastadas da serra (Nave): Caria de Susã (Caria de Cima) e Caria de Jusã (Caria de Baixo), atual Vila da Rua.

Em 960, D^a Flámula deixou diversos bens ao convento de Guimarães. O Castelo de Caria era um deles.

D. Afonso Henriques constituiu a honra de Caria a favor dos irmãos Egas e Mem (Mendo) Moniz.

Os herdeiros dos Ribadouro foram doando os bens deste território a entidades religiosas. Alguns desses bens situados em Toitam foram doados ao mestre dos Templários, Guilherme Fulcon. Outros bens da honra de Caria foram deixados em herança ao Mosteiro de Cárquere por morte de Egas Moniz (Lamosa).

Caria era sede do antigo concelho de Caria, que remonta à Idade Média, com foral manuelino de 15 de dezembro de 1512 (mais tarde, a sede passou para a Rua).

Por Decreto de 24 de outubro de 1855 que extingue o concelho de Caria e Rua, Caria passa para Sernancelhe.

Em 1896, transita para Moimenta da Beira.

População (fogos):

– 1527 - 125; 1758 - 173; 1836 - 172; em 1873 Pinho Leal registava 210 fogos.

– Em 1527, a distribuição pela paróquia era a seguinte: Caria, sede de concelho e paróquia, tinha 35 famílias, Granja do Paiva 13, Mileu 33, Vila Chã 8 e Vila Cova 36.

(Nota: para uma ideia aproximada do número de habitantes pode-se multiplicar o número de fogos (famílias) por 4).

Extrato da obra: “Terras do Demo nas Memórias Paroquiais de 1758”

BALCÃO ÚNICO DO PRÉDIO (BUPi)

O Balcão Único dos Prédios (BUPi) é uma plataforma digital criada pelo governo português para facilitar a identificação e o registo de propriedades rústicas e urbanas. Este sistema visa simplificar o processo de regularização fundiária, promovendo a transparência e a segurança jurídica na titularidade dos imóveis, de forma simples e gratuita. O BUPi foi instituído pelo Decreto-Lei n.º 65/2019, de 20 de maio, que estabelece as normas para a identificação e o registo dos prédios rústicos e urbanos. Este decreto-lei surge no âmbito do Sistema de Informação Cadastral Simplificada (SICS), que tem como objetivo criar um cadastro predial atualizado e acessível a todos os cidadãos.

Para aceder ao BUPi, os proprietários devem seguir os seguintes passos:

Registo na Plataforma: Aceder ao site oficial do BUPi e criar uma conta utilizando o número de contribuinte e outros dados pessoais.

Identificação dos Prédios: Utilizar a ferramenta de georreferenciação disponível na plataforma para identificar e delimitar os limites dos seus prédios.

Submissão de Documentos: Carregar os documentos necessários, como a caderneta predial e a certidão de registo predial, para comprovar a titularidade dos imóveis.

Validação: Após a submissão, os dados serão analisados pelas entidades competentes, que poderão solicitar informações adicionais ou correções, se necessário.

Conclusão do Processo: Uma vez validados os dados, o registo será concluído e o proprietário receberá uma confirmação através da plataforma.

O processo de registo no Balcão Único dos Prédios (BUPi) é gratuito para os proprietários. Não há custos associados à utilização da plataforma para a identificação e o registo dos prédios rústicos e urbanos. No entanto, é importante verificar se existem prazos específicos para a realização do registo gratuito, pois podem variar conforme a legislação em vigor.

O BUPi representa um avanço significativo na gestão do território em Portugal, proporcionando uma ferramenta eficaz para a regularização e a proteção dos direitos de propriedade.

Carlos Silva (advogado)

VIVÊNCIAS: CAMINHOS DE SANTIAGO

Caminhante não há caminho: o caminho faz-se ao andar” (António Machado).

Foi no final do meu serviço como superior provincial, em 2013, que respondi ao convite (prefiro chamá-lo desafio!) de abrir uma presença missionária no Caminho de Santiago, norte de Espanha, Galiza. O projeto inicial contava com a abertura de uma comunidade de 3 membros, dois espanhóis e um português, dos quais dois sacerdotes e um irmão. O lugar foi-nos proposto pela paróquia de Palas de Rei, por onde passam milhares de peregrinos.

O projeto, ao início indefinido e complexo, deixava entrever uma oportunidade de criar caminhos novos de missão na Europa, numa tentativa de cooperação entre os Combonianos de Espanha e de Portugal.

Antes de dar início a esta nova presença missionária, foi-me dada a possibilidade de um tempo sabático na Universidade Católica de Paris, o que resultou numa preparação imediata à nova missão que devia começar na segunda metade de junho 2014.

Uma presença de evangelização?

a) Um mundo desconhecido

A presença que a diocese de Lugo nos ofereceu situa-se a 60 km de Santiago de Compostela, uma das etapas importantes do caminho francês, na Galiza profunda, por onde caminha uma multidão de peregrinos ao encontro de Santiago, Apóstolo, e não se pode evitar porque o caminho cruza o adro paroquial da igreja de Santo Tirso, Palas de Rei, que é a sede do município e conta com uma população de 3700 habitantes.

O primeiro encontro com a realidade sociocultural e religiosa desta parte da Galiza despertou em mim sentimentos contraditórios e com características próprias. Radicada na Galiza profunda, é uma terra de florestas verdejantes e riqueza natural. Nas últimas décadas, a sua população emigrou, tornando-se numa zona desertificada e envelhecida. Nestes últimos anos, o Caminho de Santiago, especificamente o caminho francês, veio trazer nova vida à população desta região, que vive, na sua maioria, da economia do caminho ao serviço dos peregrinos, com dezenas de albergues, pensões, restaurantes e outros serviços.

Para os três membros da comunidade, a realidade com que se confrontavam, nos seus diversos âmbitos, era basicamente desconhecida. Os meus dois colegas sentiam-se mais em casa por serem espanhóis, mas devo confessar alguma vantagem a bafejar-me pela semelhança entre o português e o galego! À medida que o projeto tomava corpo, abriam-se novas oportunidades: uma oportunidade de anúncio e de animação missionária dirigida aos peregrinos, e de pastoral de segundo anúncio, na pastoral genérica, na diocese de Lugo, numa conjugação de forças, se bem que com alguma resistência a abandonar o “sempre se fez assim” e abraçar novos modos de pastoral.

b) Uma presença pastoral a dois ritmos com um estilo novo

Desde os primeiros meses, percebemos a complexidade da nossa presença. Por um lado, foi-nos confiado o cuidado da pastoral genérica, que aumentou exponencialmente com o tempo. Da paróquia central – Palas de Rei –, com três outras mais pequenas, vimo-nos assoberbados nos últimos anos com mais 13 outras paróquias, o que representava 3/4 da população do município. Como Combonianos, vivemos e trabalhamos em comunidade. Assim, a nossa comunidade anunciava por si mesma um estilo/ metodologia missionária: uma presença sóbria, próxima da gente e inserida.



De facto, a nossa residência era uma de tantas casas no meio da povoação. Habitados a um modo de ver o “sacerdote”, estes (também chamados frades) eram diferentes!

Com respeito e decisão, fomos, progressivamente, introduzindo mudanças pastorais. Não bastava celebrar missas “como sempre”, mas “ir mais além”, contando com a boa vontade de alguns paroquianos, que começavam a ver uma pastoral diferente: além da catequese mais organizada, surgiram com o tempo um grupo bíblico, grupo de leitores, a prática da caridade de visitar as pessoas idosas/ doentes, o nascimento do conselho pastoral e a apresentação de contas aos paroquianos...

Concomitantemente, caminhamos em comunhão e serviço com os sacerdotes da zona pastoral, dedicámos tempo à formação, animação de retiros para os sacerdotes, e envolvimento nas estruturas da diocese, como, por ex., responsabilidades de um de nós no sector da vida consagrada da diocese e... no total empenho na pastoral do peregrino.



O segundo ritmo da nossa pastoral era o acolhimento e serviço aos peregrinos. Este é, de facto, o primeiro objetivo da nossa presença missionária em Palas de Rei e na diocese. Situamo-nos onde passa a gente, facilitando “encontros” com Aquele que pode dar sentido à nossa vida, tantas vezes vazia, ferida e sem esperança. De facto, a maioria das nossas paróquias estão situadas no caminho de Santiago. Para quem se decide parar para retemperar as suas forças, estas, as paróquias, transformam-se em lugares de encontro.

Particularmente na igreja paroquial de Santo Tirso (Palas de Rei), esta pastoral é diariamente preparada, dando específica atenção aos peregrinos. A igreja permanece sempre aberta a quem deseja entrar para selar o documento do peregrino (Compostelana), para confessar-se ou para um encontro pessoal de partilha de vida. Para muitos, estes eram momentos únicos para retemperar as forças físicas e espirituais. No fim do dia, a igreja, com frequência apinhada de peregrinos (de maio a outubro), celebrava a festa do caminho e reconhecia o Senhor, companheiro de viagem. Eram especialmente tocantes o acolhimento e o envio feito em várias línguas e os cantos que envolviam corações e vidas. Na alegria do encontro e na esperança da Palavra, partiam fortalecidos pelo pão dos fortes!

Em síntese, uma paróquia que se queria atenta ao anúncio e ao crescimento da vida cristã da sua gente autóctone e, ao mesmo tempo, dos peregrinos que passavam.

Ao ver a riqueza da partilha da experiência humana e espiritual dos milhares de peregrinos que passavam, das suas histórias variadas e de todos os quadrantes, senti também eu a necessidade de fazer esta experiência comum, pôr-me em caminho, fazer causa comum e entrar neste rio de gente ... Compreendi então a riqueza do caminho, da peregrinação, que se transforma em parábola da vida em todos os sentidos...

O caminho: a parábola da vida

Entrei, sem o saber, neste manancial de humanidade que se experimenta no caminho. Nem todos o fazem por motivos de fé ou espirituais. Entendi, nas minhas conversas com os peregrinos, que no fim de contas, “não somos nós que fazemos o caminho; é o caminho que nos faz!”

A história fala deste caminho de Santiago de Compostela como a rota de peregrinação mais importante da Europa medieval. Graças a esta peregrinação se construíram mosteiros, pontes, hospitais com um grande intercâmbio cultural importantíssimo. Os cristãos, por sua vez, percorriam este(s) caminho(s) de Santiago para receber o perdão dos seus pecados ou para cumprir uma promessa recebida. E...nos anos em que se celebra o ano Xacobeo, esta peregrinação é vivida com mais intensidade espiritual.

Não há só um caminho que conduz a Santiago de Compostela. Há vários, várias rotas. O Caminho francês é um dos caminhos mais percorrido pelos peregrinos (80 %), a rota mais importante entre tantas que existem. Podemos dizer que foi e continua a ser um modo de encontro cultural e de transmissão da fé, de evangelização.

Na Bíblia, a imagem do caminho ocupa um espaço e conteúdo importantes. Basta recordar o longo caminho de Abraão, o caminho do Êxodo... Mostram que quem se põe em caminho tem um rumo, não anda para trás nem anda à deriva. Apetece-me dizer que, na espiritualidade do caminho/ peregrinação, o mais importante não é tanto a chegada quanto o processo que o caminhante realiza no seu interior. São, por isso, muito acertadas as palavras do conhecido poeta António Machado “caminhante não há caminho: o caminho faz-se ao andar”.

A vida é caminho, é o caminho. A vida faz-se a caminhar...não há nada mais humano.

Pe. Alberto Silva

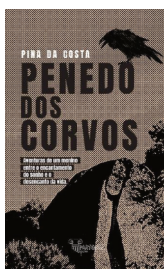


PUBLICIDADE



**A MAIS COMPLETA
HISTÓRIA DE LAMOSA**

Encomendas:
officesilva1@sapo.pt



**PENEDO DOS
CORVOS**

Contacto:
pinacosta@gmail.com



**AS TERRAS DO
DEMO NAS
MEMÓRIAS
PAROQUIAIS DE
1758**

Contacto:
pinacosta@gmail.com



**S2L - SOLUÇÕES
INFORMÁTICAS DE
GESTÃO**

Contacto:
www.s2l.pt